

Re Nat. P

OBSERVAÇÕES PRELIMINARES SOBRE A MATA DO BURAQUINHO, JOÃO PESSOA, PARAÍBA

DÁRDANO DE ANDRADE-LIMA

Departamento de Botânica.

Pesquisador Conferencista do Conselho Nacional de Pesquisas.

MARIA GELZA ROCHA

Universidade Federal da Paraíba.

Descrição geral do ambiente onde se localiza a Mata do Buraquinho, em João Pessoa, Paraíba, características principais da estrutura da própria mata e listas das principais espécies vegetais até o momento ali observadas, com anotações sobre habitat, frequência e utilização econômica das mesmas.

Numa região em que as florestas são olhadas, por sua baixa rentabilidade, como um empecilho ao progresso, resultando esse modo de ver, de uma mentalidade imediatista, que fecha os olhos aos prejuízos a longo prazo, para encarar apenas o lucro fácil dos empreendimentos, algumas vezes, com toque de aventura, é agradável a verificação da existência de áreas ainda florestadas, mantidas à custa de uma constante vigilância, mormente quando submetidas a uma pressão destruidora de eventuais aglomerados humanos que lhe sejam contíguos. Este é o caso da "mata do Buraquinho", localizada a Sudeste do centro urbano da cidade de João Pessoa, Paraíba.

Os autores desejam agradecer as facilidades que lhe foram proporcionadas pela SANECAP, quando das visitas à mata, ao 1º Grupamento de Engenharia, que gentilmente forneceu a planta da cidade de João Pessoa, da qual foi copiada a Fig. 1 e ao Prof. Lauro P. Xavier, por informações prestadas sobre a mata do Buraquinho.

A MATA DO BURQUINHO

Limita-se com os bairros de Jaguaribe e Rangel, pelo lado Oeste, com o bairro dos Macacos a Norte e, ao Sul com a área suburbana.

Tem contôrnio irregular, conforme pode ser visto na Fig. 1 e, não sendo computado um trecho da Granja São Rafael, hoje cedido para instalação da Cidade Universitária, tem atualmente uma área aproximada de 565 hectares, dos quais, cerca de 482 estão sob a responsabilidade da SANECAP, havendo os restantes sido cedidos para o Hôrtio Florestal. A mata é cortada de Leste a Oeste pelo rio Jaguaribe, o qual, represado, forma o açude do Buraquinho. O primeiro serviço de abastecimento d'água da então cidade da Parahyba, foi instalado nessa área. Graças à necessidade de proteção dos mananciais, foi conservada a mata. Com o tempo, algumas áreas foram dilapidadas e o conjunto foi desfalcado de indivíduos com maior possibilidade de aproveitamento.

A atual área florestada desenvolve-se em relêvo comandado pelo rio Jaguaribe. Do vale dêsse pequeno rio, se continua pela encosta suave, alcançando os níveis altos da superfície Barreiras.

O porte da atual mata varia, de local a local, não sendo possível, numa observação preliminar, estabelecer correlações entre esse caráter e fatores físicos do meio. É bem mais evidente a ação humana, pelo corte das espécies produtoras de melhores madeiras e mesmo, daquelas menos valiosas. Nessas circunstâncias, toda a área se apresenta como floresta secundária, que atinge, em alguns trechos, o aspecto de verdadeiras capoeiras.

Quando penetrada, a mata do Buraquinho revela-se como legítimo integrante das florestas megatérmicas pluviais costeiras nordestino-brasileiras, em seu facies subperenifólio (a subcaducifólio?). No tocante às espécies que a compõem, mais uma vez, se verifica a presença de espécies da flora amazônica e mesmo daquelas comuns às florestas costeiras ao Sul do paralelo de Salvador

(ANDRADE-LIMA 1953, RIZZINI 1963, ANDRADE-LIMA 1964, 1966).

A êsse respeito, convém lembrar BEAUREPAIRE ROHAN (1911) ao afirmar: "Não duvido que haja nela (Paraíba) alguma espécie que lhe seja própria, ou pelo menos comum às províncias confinantes; mas o certo é que não somente em relação à região de que me ocupo como a outra qualquer que se tome ao acaso na vasta extensão do nosso país, a vegetação espontânea apresenta uma imensidade de espécies gerais a tôdas as nossas províncias". E prossegue o mesmo autor, citando referência oral do Dr. Antônio Idefonso Gomes: "Estou mal com o Pará; não encontrei aqui senão as plantas que deixei no Rio de Janeiro", ao que acrescenta: "Outro tanto teria dito da Paraíba do Norte".

A topografia e conseqüentes disponibilidades hídricas determinam uma zonação específica. Casos típicos são os de *Callophyllum brasiliense* e *Inga fagifolia* (ingá-í), habitantes das proximidades d'água, enquanto *Lecythis* sp. (sapucaia), *Colubrina* sp. (suruaí, saguarajá), *Bactris ferruginea* (coquinho), *Agonandra* sp. (marfim) e alguns outros, ficam presos aos níveis mais altos. Por outro lado, algumas espécies, dentre as quais *Byrsonima sericea* e *Tapirira guianensis*, são bem mais tolerantes, distribuindo-se em grande número, por quase toda a mata.

O menor grau de umidade atmosférica (79,5% para João Pessoa e 81,7% para Recife — U. Relativa, anual) correlacionado com menor queda pluvial, se comparados os totais da costa paraibana à altura de João Pessoa, (1.668mm/ano, período de 31 anos), com os valores registrados para Recife (2.031mm/ano, período de, apenas, 12 anos) (Fig. 2), explica o facies subperenifólio (a subcaducifólio?) da mata do Buraquinho. Dentre as espécies responsáveis por essa característica fisionômica, destacam-se *Apuleia leiocarpa*, *Colubrina* sp, *Tabebuia avellaneda*, *Apeiba* cf. *albiflora* e *Buchenavia capitata*. A relativamente baixa umidade atmosférica, em boa parte do ano (Fig. 2), condiciona um outro caráter fisionômico da mata do Buraquinho, qual seja a quase total ausência de epífitas. Salvo uma ou outra rara Bromeliácea (*Hohenbergia*?) e um único indivíduo até agora visto, de *Polypodium* sp. sobre árvores próximas ao açude, estão ausentes da mata em estudo, os epífitas dendrícolas tão comuns a outras áreas da mata costeira nordestina mais ao Sul, (*Canistrum aurantiacum*, *Tillandsia bulbosa*, *Polypodium vacciniifolium*, *Philodendron* spp., etc). No entan-

to, a presença de Briófitos circundando a base do caule das árvores, mesmo nos níveis altos do relêvo e em meses bem secos do ano, testemunha melhores condições de água, ao nível do solo.

Nas condições atuais, torna-se difícil perceber uma estratificação clara das espécies arbóreas na mata do Buraquinho. O estrato A (em termos relativos locais) estaria ocupado por *Bombax* cf. *gracilipes* e *Sclerolobium densiflorum*, residuais da floresta primitiva, enquanto um estrato B, impreciso, seria composto por *Apuleia leiocarpa*, *Bowdichia virgilioides*, *Ocotea* sp (louro canela), *Pera ferruginea*, *Xylopia* sp. e *Luehea* cf. *ochrophylla*. Um terceiro estrato, C, compreenderia as demais espécies arbóreas, sendo ainda mais difícil, estabelecer um limite preciso entre estes dois últimos estratos.

Os estratos arbustivo (D) e herbáceo (E) são pobres (não incluindo os indivíduos jovens dos estratos superiores). Entre os arbustos ocorrem : *Olyra* sp., *Cephaelis pubescens*, *Psychotria* sp.; o estrato E, talvez o mais pobre, tem como principal representante uma gramínea ciófila — *Ichnanthus* cf. *petiolatus*.

O número de indivíduos por espécie varia consideravelmente. As primeiras observações parecem indicar serem *Apuleia leiocarpa*, *Byrsonima sericea*, *Tapirira guianensis* e *Bowdichia virgilioides*, as espécies arbóreas mais bem representadas naquela comunidade.

Até o momento, foram constatadas na mata do Buraquinho as espécies :

Polypodiaceae

Polypodium sp.

Epífita, em árvore próxima ao açude. Rara.

Gramíneae

Ichnanthus cf. *petiolatus* (Nees) Doell.

Plantas de 30—50cm, à sombra da mata. Floração : dezembro-janeiro. Comum.

Olyra cf. *latifolia* L.

Tipo “taquari”, atingindo 2—2,5 m, à sombra da mata. Rara.

Palmae***Bactris ferruginea* Burret.**

Atinge 5—6 m. Caule muito espinhoso. Escassa. Frutos comestíveis.

Próximo ao açude há grande ocorrência de *Elaeis guineensis* L., introduzida.

Bromeliaceae***Hohenbergia* sp.?**

Epífita, em árvore próxima ao açude. Rara.

Moraceae***Brosimum* sp.**

"Quiri"? Arv. 7—8 m. Rara.

***Cecropia* sp.**

"Embaúba". Comum nas bordas da mata. Frutificação: dezembro-janeiro.

Opiliaceae***Agonandra* sp.**

"Marfim". Níveis altos. Arv. 9—10 m. Floração: dezembro-janeiro. Escassa.

Polygonaceae***Coccoloba* sp.**

"Cabaçu". Arv. 8—9 m. Fôlhas grandes, suborbiculares, que, ao caírem, atapetam o solo, dificultando a instalação de outros vegetais. Frequente.

Annonaceae***Xylopia frutescens* Aubl.**

"Embira vermelha". Arv. 5—6 m. Níveis baixos. Escassa.

***Xylopia* sp.**

Arv. 10—12 m. Comum na encosta e níveis superiores.

Lauraceae

Ocotea cf. *glomerata* (Nees) Mez.

Arv. 7—10 m. Comum na encosta e níveis superiores.

Ocotea sp.

"Louro canela". Arv. 10—11 m. Casca com forte cheiro de canela (*Cinnamomum zeylanicum* Blume). Madeira de boa qualidade. Escassa.

Hernandiaceae

Sparattanthelium botocudorum Mart.

Borda da mata, no alto. Escassa.

Chrysobalanaceae

Licania octandra (Hoffm. ex R. et S.) Kuntze.

Arv. 6—7 m. Comum.

Leguminosae Caesalpinioideae

Apuleia leiocarpa (Vog.) Macbr.

"Jitaí", "Jetahi" (B. ROHAN, 1911). Arv. 10—15 m; caducifolia; caule irregular, com casca cinza. Boa madeira. Abundante.

Dialium guianensis (Aubl.) Sandw.

Arv. 8—10 m. No alto. Escassa.

Sclerolobium densiflorum Benth.

"Ingá porco". Arv. 15—20 m. Comum nos níveis altos.

Leguminosae Papilionoideae

Bowdichia virgilioides H. B. K.

"Sucupira mirim". Arv. 10—15 m. Abundante. Madeira de boa qualidade.

Ormosia bahiensis Monachino

"Sucupira baraquim", "baraki" (B. ROHAN, 1911). Arv. 12—13 m, de copa larga, em nível baixo. Rara.

Leguminosae Mimosoideae

Inga cf. *blanchetiana* Benth.

"Ingá cabeludo". Arv. 3—5 m. Frutos grandes, pilosos, com sementes envolvidas por arilo comestível. Escassa, preferindo áreas abertas dos níveis médios a altos.

Inga fagifolia (L.) Willd.

"Inga-1". Arv. 6—9 m, próximo ao açude. Frutos pequenos, porém também comestíveis. Escassa.

Inga thibaudiana DC

"Ingá". Arv. 6—8 m, copa larga. Níveis altos. Escassa.

Pithecellobium avaremotemo Mart.

"Barbatimão". Arv. 5—8 m. Níveis médio e alto. Escassa.

Pithecellobium foliolosum Benth.

"Arapiraca". Arv. 4—5 m, copa larga, rala. Um só indivíduo observado, estava em nível baixo, ao pé da encosta. Rara.

Pithecellobium pedicellare (DC) Benth.

"Jaguarana". Arv. 6—8 m, de copa aberta. Escassa.

Stryphnodendron pulcherrimum (Willd) Hochr.

"Favinha". Arv. 5—7 m, de copa larga. Escassa; desde níveis baixos ao tôpo aplainado.

Houmiriaceae

Sacoglottis mattogrossensis Malme var. *mattogrossensis* fma. *mattogrossensis*

"Oiti de morcêgo". Arv. 4—6 m. Escassa nos níveis altos.

Rutaceae

Fagara cf. *rhoifolia* (Lam.) Engl.

"Laranjinha". Arv. 5—6 m. Caule com fortes acúleos. Nível baixo. Rara.

Simaroubaceae

Simarouba amara Aubl.

"Praíba", "paraíba". Arv. 10—12 m. Níveis médio a alto. Escassa.

Burseraceae

Protium heptaphyllum (Aubl.) March.

“Amescla”, “almecega brava” (B. ROHAN, 1911). Arv. 6—8 m. Na encosta ao alto. Comum.

Protium sp.

Arv. 4—6 m. Na encosta. Comum.

Malpighiaceae

Byrsonima sericea DC.

“Murici”. Arv. 5—12 m. Dos níveis baixos ao aplainamento superior. Abundante. Florando em dezembro-janeiro.

Vochysiaceae

Qualea cryptantha (Spreng.) Warming.

Arv. 14—15 m, de copa ampla. Nível baixo. Rara.

Euphorbiaceae

Pera ferruginea Muell. Arg. (Peraceae)

Arv. 10—12 m. Nível médio a baixo. Escassa

Pogonophora schomburgkiana Miers

“Cocão”. Arv. 7—9 m. Na encosta ou no alto. Com frequência são vistos indivíduos que morrem bruscamente, conservando por algum tempo a folhagem seca. Comum.

Sapium sp.

“Burra leiteira”. Arv. 5—6 m. Nível baixo, próximo ao açude. Rara.

Anacardiaceae

Anacardium occidentale L.

“Cajueiro”. Arv. 6—8 m, à beira da mata; difícil assegurar se nativa ou introduzida. Escassa.

Tapirira guianensis Aubl.

“Pau pombo”, “cupiúba”, possivelmente a “capihuba” de B. ROHAN (1911). Arv. 6—12 m. Dos níveis baixos ao cimo da mata. Abundante.

Thyrsodium schomburgkianum Benth.

“Caboatã de leite”. Arv. 6—8 m. Encosta e tôpo. Freqüente. Florando em dezembro-janeiro.

Sapindaceae

Allophylus cf edulis (St. Hil.) Radlk.

Arboreta 3—4 m. Borda da mata, em nível alto. Rara.

Rhamnaceae

Colubrina cf. rufa Reiss.

"Suruaji", "surnagi" (B. ROHAN, 1911). Arv. 8—12 m. Casca cinza escuro, desprendendo-se em lâminas reviradas para o alto. Caducifolia. Encosta e nível alto. Comum a freqüente, conforme as áreas.

Gouania blanchetiana Miq.

Cipó vigoroso indo ao cimo das árvores. Comum.

Tiliaceae

Luehea ochrophylla Mart.

Arv. 10—15 m. Níveis médio a alto. Comum.

Apeiba cf. albiflora Ducke

"Pau de jangada", "jangadeira" (B. ROHAN, 1911) Arv. 8—10 m. A carência de flôres não permitiu ainda estabelecer qual essa espécie do gên. *Apeiba*; pelos frutos e fôlhas, aproxima-se bastante de *A. albiflora*, sem no entanto ser idêntica às amostras desta última colhidas em Pernambuco e reconhecidas como legítimas pelo autor da espécie. Arruda Câmara, transcrito por KOSTER (1) descreve *A. cimbalaria*. Este epíteto é citado por B. ROHAN (1911), mas as características apresentadas na descrição não são suficientes para esclarecer a dúvida, aumentando-a ainda mais, quanto à aplicabilidade da espécie de Arruda Câmara, que parece ter sido desconsiderada por DUCKE (1922) ao descrever *A. albiflora*.

Bombaceae

Bombax (Eriotheca) cf. gracilipes K. Schum.

"Munguba". Arv. 12—20 m. Encosta alta e nível alto. Geralmente residual da floresta primitiva, pela quase inaplicabilidade de sua madeira. Comum.

Ochnaceae

Ouratea sp.

Arv. 4—5 m. Nível superior. Rara. Florando dezembro-janeiro.

Guttiferae

Callophyllum brasiliense Camb.

"Guanandi", "gulanvin Carvalho" (B. ROHAN, 1911). Arv. 15—16 m. Nível baixo, próximo ao açude. Rara. Florando em dezembro.

Clusia sp.

"Pororoca". Arv. 5—6 m. Encosta baixa, em área aberta. Escassa.

Rheedia sp.

"Bacupari" Arv. 4—6 m. Encosta. Escassa. Fruto comestível.

Symphonia globulifera L. f.

"Bulandi amarelo", "bulandi de leite", "gulandi" Arv. elegante; 10—12m. Níveis baixos; próximo ao açude. Escassa.

Vismia baccifera (L.) Reichardt.

"Lacre". Arboreta 3—4 m. Nível baixo. Escassa.

Flacourtiaceae

Casearia sylvestris Sw.

"Caiubim". Arboreta 4—5 m. Encosta alta, à beira da mata. Escassa.

Casearia sp.

Arboreta 4—5 m. Encosta baixa. Escassa. Iniciando floração em janeiro.

Xylosma sp.

Arv. 8—9 m, tronco com espinhos ramificados. Encosta. Rara.

Lecythidaceae

Eschweilera luschnatii Miers.

"Embiriba". Arv. 8—15 m. Encosta e nível alto. Abundante.

Lecythis sp.

"Sapucaia", "sapucaia de pilão" (B. ROHAN, 1911). Arv. 8—12 m. Níveis mais altos. Comum.

Combretaceae

Buchenavia capitata (Vahl.) Eichl.

"Imbirindiba", possivelmente a "berindiba" de B. ROHAN (1911). Arv. 6—10 m, de copa ampla. Encosta e níveis altos. Comum.

Myrtaceae

Britoa triflora Berg.

Arv. 15—18 m. Rara.

Myrcia sylvatica (Mey) DC.

Arboreta 3—4 m. Encosta baixa, em área aberta. Escassa.

Araliaceae

Didymopanax morototoni Decne et Planch.

"Sambaquim". Arv. 8—12 m. Encosta e níveis altos. Comum.

Myrsinaceae

Rapanea sp.

Sapotaceae

Lucuma cf. *grandiflora* A. DC.

"Oiti trubá", "goiti-turubá" (B. ROHAN, 1911) Arv. 8—10 m. Nível alto. Rara.

Ebenaceae

Diospyros sp.

Arv. 11—12 m. Encosta alta. Rara.

Loganiaceae

Strychnos sp.

Cipó à sombra da mata, na encosta. Caule espinescente. Escassa.

Apocynaceae

Aspidosperma discolor A. DC.

Alto do aplainamento. Arv. 12—15 m. Escassa.

Plumeria bracteata DC.

"Angélica da mata", "banana de papagaio". Arv. 8—10 m.
Encosta e nível superior. Freqüente.

Boraginaceae

Cordia sp.

Arbusto 2—3 m, na parte alta da mata. Rara.

Bignoniaceae

Tabebuia avellanadae Lorentz ex Griseb

"Pau d'arco roxo", "ipê roxo" (B. ROHAN, 1911). Arv.
10—11 m. Encosta. Escassa.

Rubiaceae

Alseis cf. *pickelii* Pilger et Schmale

No alto. Arv. 12—14 m. Rara.

Cephaelis pubescens Hoffm.

Subarbusto 1—1,20 m, à sombra da mata, na encosta.
Escasso.

Psychotria sp.

Arbusto 2—3 m, à sombra da mata, na encosta. Rara.

SUMMARY

Brief ecological description of the "Buraquinho" forest in João Pessoa, PB., and the structure of the forest itself, followed by a preliminary list of the main plant species from that forest. Information on habitat, frequency, phenology and possible economic utilization is also given.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE-LIMA, Dárdano de 1953 — Notas sobre a dispersão de algumas espécies vegetais no Brasil. *Anais da Sociedade Biol. de Pernambuco*, Recife, 40 (1) : 25—49.

Anais do ICB - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1(1): 47-61. 1971

1964 — Contribuição à dinâmica da flora do Brasil. *Arquivos do Instituto de Ciências da Terra*, Recife, 2 : 15.

1966 — Contribuição ao estudo do paralelismo da flora Amazônico—Nordestina. *Boletim Técnico do Instituto de Pesquisas Agronômicas*, Recife, 19, nov.

BEAUREPAIRE ROHAN, Henrique de. 1911 — Chorographia da Paraíba, vegetais. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba*, João Pessoa, 3 (3) : 212—228.

DUCKE, Adolfo. 1922 — Plantes nouvelles ou peu connues de la region Amazonienne. (II.e Partie) *Archivos do Jardim Botânico*, Rio de Janeiro, 3 : 3—269.

KOSTER, Henry — 1942 — Viagens ao Nordeste do Brasil, São Paulo, Companhia Editora Nacional, 595 p.

RIZZINI, Carlos Toledo 1963 — Nota prévia sôbre a divisão fitogeográfica do Brasil. *Revista Brasileira Geografia*. 25 (1)

MATA DO BURAQUINHO

Esc. 1: 40 000



